

SOBRE A ERRÂNCIA RELIGIOSA⁸²

Autor:

LEILA AMARAL

Resenhado por:

Kelson Gérison Oliveira Chaves

Leila Amaral, professora do programa de pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, doutorou-se em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1998), onde produziu seu livro *Carnaval da Alma*, no período de quatro anos de doutorado.

Pode-se dizer que a lógica do seu livro está presente nos sete capítulos, que o compõem, pelo equilíbrio entre eles. Já quando se passa para o texto em si, tem-se um desenvolvimento mais circular do que lógico, ao mesmo tempo fluídico e original. Prazeroso, mas que dificulta a identificação de aspectos centrais, exigindo uma grande atenção. O estilo do texto da autora corresponde, assim, à mesma abertura do universo espiritual que ela estudou.

Em macroescala, seu objeto é o fenômeno Nova Era e a emergência do que ela caracteriza como uma “cultura religiosa errante”. Neste intuito, compreendendo a problemática da errância religiosa como uma das novas condições da existência espiritual e religiosa de nossa sociedade contemporânea, Leila Amaral tem como principais preocupações os diferentes significados que a experiência religiosa gera de comunidade, essência, e sincretismo.

Ao tratar das novas condições de espiritualidade no mundo contemporâneo, Leila observa também o pluralismo interno da Nova Era, onde a mistura e experimentação de diversas crenças, tradições e técnicas dão o tom do movimento. Os pontos de destaque de seu campo foram, além dos “encontros”, os centros holísticos, espaços onde os buscadores citadinos dispõem de serviços referentes à espiritualidade, alimentação, medicina alternativa, artes, turismo e ecologia, através

212

⁸² AMARAL, Leila. **Carnaval da Alma**: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Vozes, 2000, 230p.

de eventos de natureza terapêutica, divinatória, espiritual e meditativa. Estes detalhes são apresentados logo na introdução.

No primeiro capítulo, a autora faz uma breve apresentação dos marcos históricos da Nova Era, explorando suas origens nos Estados Unidos da América, na década de 1970, através do Transcendentalismo, do Espiritualismo, da Teosofia, da *New Thought* e da *Christian Science*. Nos capítulos dois, três e quatro, ela acompanha o funcionamento dos centros holísticos e suas “vivências”. São descrições etnográficas de várias práticas Nova Era das quais participou. Importante é destacar que sua descrição é sempre analítica. Não obedecendo a uma maneira formal de desenvolver a reflexão, grandes conclusões surgem, às vezes, inesperadamente do início ou mesmo no meio dos capítulos, servindo o restante apenas para reafirmá-las ou trazer outras conclusões. Nos últimos capítulos, o cinco, seis e sete, ela se concentra nos “encontros”, no modo como a espiritualidade Nova Era vem se constituindo nesses encontros, tais como o *Mind Body and Spirit International Festival*, em Londres, ou o Carnaval da Alma de Campina Grande PB, e o Encontro Nacional de Comunidades Alternativas), (ENCA), em Pirenópolis GO.

Com grande destreza para tratar de tema tão heterogêneo e escorregadio, ela diz que, antes de ser um substantivo que defina identidades religiosas religiosamente demarcadas, Nova Era é um adjetivo para inúmeras práticas espirituais e religiosas diferenciadas, e em combinações variadas, independentemente das inserções religiosas de seus praticantes.

Leila Amaral demonstra que para ela Nova Era é um fenômeno heterogêneo e não organizado, por onde se entrecruzam os herdeiros da contracultura e suas propostas de comunidades alternativas; o discurso do autodesenvolvimento através de experiências místicas e filosóficas que buscam se assemelhar às modernas teorias científicas; os curiosos do oculto que possuem experiências com as religiões orientais, o esoterismo e as religiosidades indígenas, além do discurso ecológico de sacralização da natureza e a ênfase *yuppie* na perfeição interior, aplicada no treinamento de recursos humanos nas empresas capitalistas.

O termo Nova Era, para muitos de seus participantes, está ligado à ideia de cura como transformação radical. Assim, tal termo diz respeito a uma cultura religiosa centrada na “metáfora da transformação” e no “experimentalismo religioso”, enfatizando a “liberdade da diferença” e oferecendo um mercado de bens simbólicos aos indivíduos para satisfazerem suas necessidades pessoais, sejam elas materiais

ou espirituais, sempre na busca do enriquecimento e fortalecimento interior, que é a busca do “eterno tornar-se”. Leila nos mostra que o principal objetivo das atividades promovidas pelos centros holísticos é o “desenvolvimento espiritual” de seus frequentadores. Mas isso se dá sem rigidez de doutrina ou sistema de dogmas institucionalizado por uma organização religiosa centralizadora do desempenho espiritual. A autora ainda atenta para o fato desses centros holísticos, apesar de enfatizarem o desenvolvimento espiritual e a expansão da consciência, parecerem-se mais com centros culturais ou locais de lazer do que com clínicas médico-terapêuticas ou templos de culto religioso. Nesse ambiente, não são formados grupos tradicionais de culto religioso. Os laços aí desenvolvidos podem ser mais bem caracterizados como laços de sociabilidade.

É interessante notar que o próprio campo de trabalho a obrigou a tratar de vários credos e filosofias de vida distintos, como xamanismo, ti chi, fen shui, yoga etc. E o que impressiona é a desenvoltura com que ela aborda todos, o que sugere um domínio satisfatório sobre essa imensa gama de códigos culturais e religiosos diferentes. Para cada nova prática, temos a indicação das origens e de como a Nova Era se apropriou dela.

O consumo Nova Era não é abordado simplesmente como um subproduto ocasionado pela mercantilização universal, promovida pela lógica do capitalismo e sua capacidade de transformar tudo em mercadoria, e sim como um meio de expansão da própria cultura moral e espiritual Nova Era, pois, na verdade, o consumo seria uma exigência própria da lógica dessa cultura espiritual errante. Desta forma, o consumo moderno, *hic et nunc*, apresenta-se não somente como a oportunidade para a reprodução do capital econômico e social, mas também para produzir valores e significados, espirituais e morais.

Isto não significa dizer que esses “bens espirituais” não são tratados como mercadoria. Ao contrário, gestos e intenções, “tanto dos visitantes, quanto dos exibidores, são conscientemente e sem constrangimento destinados à compra e venda de ‘bens culturais espirituais’, materialmente dispostos no espaço da feira”, mas sempre com finalidade de aprimoramento espiritual.

Em sua análise circular sobre tema tão espiralado, Leila se utiliza da expressão de Georges Marcus, “espírito sem lar”, para caracterizar bem essa errância dos praticantes da Nova Era. Mas, por tomar essa referência, ela não rejeita os clássicos, e trabalha também com Lévi-Strauss, por exemplo. Em síntese, ela cita

poucos autores, mas os que são citados vão desde autores clássicos, como Marcel Mauss, Bronislaw Malinowski e Claude Lévi-Strauss, como contemporâneos, de Victor Turner a Georges Marcus. Não há uma hierarquia ou predominância de um ou outro, mas quando se trata do campo e da etnografia, apesar de não citados, fica claro que suas referências teóricas são contemporâneas.

As reflexões realizadas pela autora são sempre criativas, trazendo muitas contribuições tanto aos estudos da religião quanto aos aspectos capitais da sociedade contemporânea.

Quando se trata do sincretismo, por exemplo, Leila Amaral conclui brilhantemente ao perceber a nova maneira de sincretizar da Nova Era, que ela caracteriza como um “sincretismo em movimento”, conceito novo e de grande poder teórico. É portanto, um sincretismo que deixou de ter um “lugar fixo de hibridação” e passou a ser constituído a partir do movimento, do deslocamento, da circulação e do fluxo das identidades. Em suma, trata-se de um sincretismo que não é fruto de uma síntese.

Outra questão central do livro é a noção de comunidade. Muitos veem no fenômeno Nova Era e na sua alucinada busca pela experimentação as expressões mais acabadas do individualismo. Neste ponto, o argumento de Leila é que o ideal de comunidade não estaria totalmente ausente no trânsito religioso e societal daqueles errantes; no entanto, se apresentaria para eles de uma forma não essencialista, sob a forma de um ideal de comunidade em que a noção de “estar junto” não significa, como consequência, o mesmo que “estar com”, porque o “estar junto” precederia, como a sua condição, o “estar com”. Assim, nossa pesquisadora acaba por indicar novas matrizes geradoras de vínculos sociais, dando visibilidade a um desafio em sintonia com o “espírito do nosso tempo”, e discutindo questões que, de algum modo, são relativas à valorização tanto das relações transociais e intersociais, quanto das relações intrassociais.

Dessa forma, por muitos motivos é enganoso pensar na total inexistência de busca pela essência no fenômeno estudado. Os “errantes da Nova Era parecem apontar, simbólica e ritualmente, para a existência de uma essência, sim, mas que não se substancializa nunca, porque a sua ‘realidade’ só se manifesta através de combinações provisórias”, e, portanto, como uma realidade múltipla, sempre transformável. A ideia de totalidade só existe enquanto uma “totalidade virtual”, “em movimento”. A noção de comunidade a ela associada manifesta-se,

consequentemente, como uma comunidade não essencialista. “Por sua vez, como o sentimento do ‘sagrado’ está também associado à experiência desse estado puramente virtual, conclui-se que o ‘sagrado’ é um ‘sagrado sem lugar’.” Numa “espiritualidade desencarnada” como é a da Nova Era, a ênfase é colocada na experiência, por um estilo próprio de “lidar com o sagrado”. Esta experiência pode acontecer a partir de qualquer lugar ou referência. Daí a desterritorialização do “sagrado”.

Apesar das construções discursivas, e da intenção manifesta no meio Nova Era, para alcançar um “holismo” radical, desde o nível corporal até o nível cósmico, sua prática ritual denota que esse “holismo Nova Era” tem a ver mais com uma concepção de totalidade como mistura, espaço aberto para improvisos e desvios, para o contingente e o provisório, do que para a ideia de uma totalidade sistêmica, ou hierárquica.

Esse holismo da mistura só pode se dar, no universo Nova Era, pelo consumo. A diversão e o consumo, como já foram sinalizados, são inseparáveis da espiritualidade Nova Era. Sem esses dois fatores, ela não poderia existir da mesma forma, pois participar de eventos e encontros Nova Era significa, de qualquer modo, consumir produtos e serviços oferecidos. Neste universo, segundo nossa autora, a comunicação com o sagrado só se dá no consumo, e através dele. Tudo isso para se alcançar o *self*, “verdadeiro Eu”. Os errantes da Nova Era, na tentativa de diferenciar ritualmente o “*ego*” do “*self*”, dão um caráter negativo ao primeiro, porque é produto da sociedade, e definem positivamente o segundo, que representaria o “verdadeiro eu” dos indivíduos. Enquanto o *ego* se encontraria no polo das identidades fixas, ou seja, das “categorias socioculturais substantivas”, o *self* estaria num polo mais enriquecedor para o ser humano, no polo da abertura, do alargamento, do enriquecimento, do desenvolvimento, das aproximações e das semelhanças. Daí o *self* ser identificado com o “verdadeiro Eu”, mas não no sentido narcisista da sacralização do poder do eu, mas no sentido da experiência do “sagrado como excesso”, como a “plena potencialidade do tornar-se”.

Quanto aos aspectos empíricos e metodológicos, Leila diz que serviram como campo etnográfico para a pesquisa “eventos” e “encontros” que podem receber o adjetivo Nova Era. Tais eventos foram acompanhados pela pesquisadora no Brasil e na Inglaterra, no período de junho de 1993 a fevereiro de 1997. Apesar de tomar dois países muito diferentes para realização de seu trabalho de campo, Leila alerta

que não pretende fazer uma comparação sobre as particularidades da Nova Era, nos dois países. Opta, portanto, por concentrar o foco no trânsito, na circulação e no fluxo dos errantes da Nova Era, sensibilizando-se mais para a dimensão transnacional e transcultural dessas questões do que para as particularidades culturais e locais.

Ela foi atrás dessa cultura religiosa seguindo indicações de folhetos e jornais, através da propaganda boca a boca, ou mesmo de suas participações em encontros ou *workshops* que sempre lhe levavam a outros. É interessante notar, então, que se tratou então de um trabalho de campo não territorializado previamente, e não pré-definido espacialmente. Deu-se na linha de quem segue pistas, o que não deixa de ser uma inovação em se tratando da forma de se fazer campo.

Por outro lado, ainda que seu trabalho possa servir de referência para a visualização do movimento Nova Era como um todo, ela não procura unificar o fenômeno, trabalhando, por isso, com conceitos contextualizados, pertencentes aos sujeitos pesquisados diretamente, às “categorias nativas”, mas sem mistificá-las. Sensível, ela sabe bem dosar o uso dos conceitos de experiência-próxima e experiência-distante, como pensa Geertz (1997), e dá sempre margem para a polifonia, apesar de que, ressalte-se, trata-se de uma polifonia monológica, se é que isso é possível. De fato, a autora apresenta vários vértices do caleidoscópio Nova Era, e as várias interpretações de seus múltiplos significados, mas as falas dos sujeitos pesquisados, com toda sua riqueza e vivacidade, pouco se encontram no texto.

E, apesar de todas suas virtudes, não se pode deixar de mencionar o fato de seu duplo trabalho de campo – Brasil/Inglaterra – ser anunciado como se fosse único, isto é, como se as diferenças contextuais não interferissem no conteúdo do que se buscava investigar, o que é bastante questionável do ponto de vista antropológico. Assim, a experiência no Vale Dourado, bem como no Carnaval da Alma de Campina Grande, apresentam-se de cara bem diferentes daquelas vividas em Londres. E o que essas diferenças determinam nos caminhos analíticos? Poderiam suas várias análises e conclusões ser desenvolvidas a partir de um só país, Brasil ou Inglaterra? E as inúmeras diferenças contextuais relativas à moral, à sociedade, e à rede de significados que é a cultura (Geertz, 1989), entre Brasil e Inglaterra, não há nenhuma mudança de significados que sejam importantes? São

perguntas que a autora não responde, nem traz à superfície do texto, talvez mesmo para não enfraquecer seu argumento.

Outro ponto crítico de sua metodologia se dá no que diz respeito à sua posição no campo de pesquisa. Nunca se sabe se ela, em algum momento, apresentou-se como pesquisadora aos demais participantes dos *workshops*, exceto os ministrantes. Pensando a etnografia como um texto (Marcus e Cushman, 1982), vê-se que ela busca construir um distanciamento na observação que lhe confere certa autoridade, autoridade da cientista que esteve lá, e observou tudo (Marcus e Cushman, 1982; Geertz, 1997).

Se a pesquisadora não se deixou afetar, no sentido em que defende Fravet-Saada (1990), fato que se revela em frases do tipo “em minha vigilância antropológica...”, na página 79, vê-se com clarividência o quanto ela entrou em empatia com seus sujeitos de estudo. Sente-se intimamente este fato nas entrelinhas, mas, em momento algum, a pesquisadora se coloca nessa posição diante de seu leitor. No momento mesmo da escrita, único que nos chega, construiu-se uma espécie de barreira que garante a idealização de uma postura distanciada.

Apear disso, consideramos que em grande medida Leila resiste à tentação de elaborar uma monografia realista, explicar o todo por meio das partes ou algo parecido (Marcus e Cushman, 1982). Ela aceita as limitações de sua pesquisa de quatro anos, bem como a realidade polifônica inerente a todos os objetos de estudo. Se a etnografia, ou a forma como ela nos apresenta, pode ter lacunas e escolhas questionáveis do ponto de vista da antropologia contemporânea, reconheça-se que sua inserção no campo foi admirável, ela convence que “esteve lá”, e os dados lhe renderam reflexões riquíssimas e carregadas de inovação.

É necessário dar-lhe o mérito de abordar com tanta profundidade e desenvoltura assunto tão atual e intrínseco em nosso dia-a-dia, trazendo à tona noções de comunidade, essência e sincretismo, diferentes das noções hegemônicas em nossas sociedades contemporâneas, Leila Amaral acaba nos fazendo refletir sobre os significados dominantes na teia cultural pela qual o homem movimenta-se e tece o dia-a-dia. De forma tal, seu livro proporciona um alargamento dos horizontes culturais e modelos sociais a nosso dispor, em síntese, um dos papéis da Antropologia, o que faz esse livro ser recomendado não só para os acadêmicos, mas também para as diversas pessoas que se interessam pela pluralidade cultural humana.